

Periódico: Amazonas Atual		Data: 17/01/2019	
		Publicação: 16/01/2019	
Referência da Matéria: Ufam propõe criar Distrito Industrial de Cooperativas Indígenas		Com foto	<input checked="" type="checkbox"/> Sem foto
Caderno/Página/Coluna  <a href="https://amazonasatual.com.br/ufam-propoe-criar-distrito-industrial-de-cooperativas-indigenas/">https://amazonasatual.com.br/ufam-propoe-criar-distrito-industrial-de-cooperativas-indigenas/</a>	Enfoque	Natureza	Tipo:
	<input type="checkbox"/> Positivo	<input type="checkbox"/> Espontânea	<input checked="" type="checkbox"/> Matéria
	<input type="checkbox"/> Negativo	<input checked="" type="checkbox"/> Provocada	<input type="checkbox"/> Artigo
	<input checked="" type="checkbox"/> Neutro		<input type="checkbox"/> Outro
			<input type="checkbox"/> Nota <input type="checkbox"/> Classificados

## Ufam propõe criar Distrito Industrial de Cooperativas Indígenas



### Da Redação

MANAUS – A Ufam (Universidade Federal do Amazonas) propõe a criação do Distrito Industrial de Cooperativas Indígenas. Elaborado pela Pró-reitoria de Extensão (Proext), o projeto propõe desenvolver o extrativismo entre as alternativas de diversificação econômica no Estado.

Idealizador do projeto, o pró-reitor João Ricardo Bessa Freire, diz que foi priorizada a **indústria** de montagem em detrimento das atividades extrativistas. Hoje esse modelo se encontra em processo de falência. “Basta lembrar que entre os objetivos da Zona Franca estavam a diminuição das desigualdades econômicas e sociais entre a capital e o interior e fixar as populações na Zona Rural para que os vazios demográficos fossem ocupados, mas depois de mais de 50 anos de existência percebemos que aconteceu justamente o contrário”, disse.

Bessa Freire diz que o núcleo extrativista seria batizado de ‘Nipe tirã Wahpata se’, que na linguagem tucana significa ‘todos ganham’.

O mini distrito foi projetado como nove pequenas fábricas de produção de bens de transformação de matéria-prima regional com projeção de 1,5 mil empregos diretos e 300 indiretos. As unidades terão formato de galpões que abrigarão mais 14 fábricas de extração e beneficiamento de madeira; extração e lapidação de granito; extração de óleos vegetais; produção de vassouras de piaçava; produção de sucos de frutas, entre outras. O modelo poderá ser reproduzido em outros municípios do Amazonas, de acordo com suas vocações naturais.

“O que se defende não é a destruição da Zona Franca de Manaus, mas a transformação do modelo econômico de monocultura prevalente, cuja fragilidade impõe insegurança em vários aspectos como o jurídico, o financeiro e o social, não apenas para a comunidade local, mas para os que para cá vieram”, disse Bessa Freire. O projeto está em exibição pública na sede da Reitoria da Ufam, na zona centro-sul de Manaus.

Periódico: Acritica		Data: 17/01/2019						
		Publicação: 17/01/2019						
Referência da Matéria: A ciência e o clima		x	Com foto	x	Sem foto			
Caderno/Página/Coluna  Opinião, A4	Enfoque	Natureza		Tipo:				
	<input type="checkbox"/>	Positivo	x	Espontânea	<input type="checkbox"/>	Matéria	<input type="checkbox"/>	Nota
	<input type="checkbox"/>	Negativo	<input type="checkbox"/>	Provocada	x	Artigo	<input type="checkbox"/>	Classificados
	x	Neutro	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>	

Artigo

## A ciência e o clima

Mesmo que se concorde com Néelson Rodrigues (toda unanimidade é burra), considere-se que esta afirmação também permite exceções. Até para confirmá-la. Por enquanto, o Ministro da Ciência e Tecnologia passa por ser um carona brasileiro, instalado em uma nave espacial. Ganhou o título de astronauta, portanto, como ganharia o de comandante de navio o clandestino que conseguisse singrar águas oceânicas. A diferença entre ambos, o passageiro disfarçado e o carona do espaço estaria apenas na legalidade ou não da condição de um e outro. Isso não autorizaria dizer, de antemão, que Marcos Pontes nada entende de ciência e tecnologia. No posto de Ministro da Pasta



referida, o coronel da Aeronáutica passou a conduzir as políticas científicas e tecnológicas do País. Talvez sua presença na astronave norte-americana o ajude a entender dos problemas da área agora sob sua responsabilidade. Pode ser que não. Trata-se, portanto, de conhecer o que diz o Ministro sobre os problemas e assuntos afeitos à Pasta por ele dirigida. E como ele se conduz, diante dos problemas a resolver e dos recursos de que se

utilizará. Recente manifestação de Pontes não o tornou diferente de outros profissionais que, sensíveis às questões próprias da ciência e tecnologia, têm-se manifestado. Jornalistas, professores e pesquisadores estão velhos de abordar os temas a que se referiu o Ministro, com as mesmas palavras. Com igual sensibilidade, até. Estamos autorizados a dizer que Marcos Pontes parece sensível à realidade daquele importante setor da atividade governamental. O que, em si mesmo, é condição necessária ao seu desempenho. A sensibilidade, no entanto, se é condição necessária, não é suficiente. Outras variáveis interferem na ação do gestor público, e muitas delas ainda estão por conhecer. A articulação entre as mais diferentes agências - CNPq,

Universidades, Institutos de Pesquisa, setores da economia, sobretudo - é talvez a maior necessidade, do ponto de vista da gestão. Entra Ministro, sai Ministro, esse é ponto que já constitui lugar comum. Também é certo que a reivindicação por recursos mais volumosos consta do elenco de entraves que os anteriores ocupantes do posto têm apontado. Uns mais, outros menos, quase todos os ex-Ministros se esforçaram por garantir aos institutos de pesquisa e universidades públicas recursos aproximados, pelo menos, das reais necessidades do setor. Não será preciso dizer o grau de êxito que todos alcançaram, tal o estado em que hoje se encontram todas as agências de pesquisa oficial. Nem seria necessário lembrar os riscos agora impostos à Embraer, dada como um dos melhores exemplos

do setor aeronáutico. Não será demais mencionar quanto a produção científica e sua contribuição para a compreensão do mundo físico e social e para a criação de tecnologia têm a ver com as condições não materiais, aquelas que dizem respeito à consideração e à qualificação que se atribui à ciência e à tecnologia. Quando a liberdade era assegurada aos pesquisadores, foi difícil, a ponto de hoje todos deplorarmos a defasagem em que nos encontramos, vis-a-vis outras nações de igual importância no cenário mundial. Quanto mais recursos aplicarmos, quanto maior for a interlocução entre agências, pior será para a sociedade, se os valores aos quais se submete a ação dos estudiosos for cercada de suspeitas e de restrições. Sobre isso nada disse, ainda, o Ministro da Ciência e Tecnologia.

Periódico: Em Tempo		Data: 17/01/2019	
		Publicação: 17/01/2019	
Referência da Matéria: Projeto da Ufam estará em exibição na Reitoria		Com foto	x Sem foto
Caderno/Página/Coluna  Educação, 13	Enfoque	Natureza	Tipo:
	<input type="checkbox"/> Positivo	<input type="checkbox"/> Espontânea	<input type="checkbox"/> Matéria
	<input type="checkbox"/> Negativo	<input checked="" type="checkbox"/> Provocada	<input type="checkbox"/> Artigo
	<input checked="" type="checkbox"/> Neutro		<input checked="" type="checkbox"/> Outro
			Nota <input type="checkbox"/> Classificados

**POTENCIAL**

# Projeto da Ufam estará em exibição na reitoria

Um dos projetos com maior potencial de impacto econômico e social desenvolvido na Universidade Federal do Amazonas (Ufam) estará em exibição por três meses na entrada do prédio da Reitoria da Ufam.

Trata-se do Distrito Industrial de Cooperativas Indígenas. Elaborado pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade (Proext),

o projeto propõe alternativas de diversificação econômica para a atual estrutura da Zona Franca de Manaus (ZFM). A proposta foi apresentada, inicialmente, em março de 2018, durante o Fórum para o Desenvolvimento do Amazonas.

Idealizador do projeto, o pró-reitor de Extensão, João Ricardo Bessa Freire, afirma que a proposta con-

siste no empreendimento de alternativas econômicas para o Amazonas. "Quando a Zona Franca de Manaus foi criada, na década de 1960, ela foi idealizada para desenvolver a Amazônia Ocidental. Investiu-se bastante em indústrias de montagem, em detrimento das atividades extrativistas. Hoje esse modelo se encontra em processo de falência.